

PERDAS E GANHOS DA DESVALORIZAÇÃO

VENDAS NO SETOR DE CALÇADOS CRESCERAM 19%, MAS BALANÇA COMERCIAL CONTINUA DEFICITÁRIA E INFLAÇÃO EM ALTA

Jorge Cardoso 22.10.97



Pratini: "Aposto na queda de 5% das exportações e redução de 15% das importações. Com isso, conseguimos o saldo previsto pelo governo"

O bom desempenho do setor de calçados é apenas uma das consequências da liberação do preço do dólar na economia brasileira. Passados seis meses da mudança na política cambial, já é possível computar com mais clareza também os efeitos negativos da mudança: aumento da inflação, agravamento da recessão e piora nos indicadores de desemprego.

A balança comercial também temia em continuar deficitária, apesar da queda em dólar do preço dos produtos nacionais.

O indicador mais imprevisível, no momento, é a inflação. As autoridades do Ministério da Fazenda permitiram reajustes nos preços da energia elétrica, dos telefones e dos combustíveis, por causa do aumento do dólar. Para o economista e ex-diretor de Dívida Pública do Banco Central (BC), Carlos Thadeu de Freitas Gomes, o impac-

to desse tarifaço neste mês deve ser de dois pontos percentuais sobre os índices de preço ao consumidor do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). "O choque tarifário já estará absorvido em agosto", diz.

O ex-ministro da Fazenda Maílson da Nóbrega acha que o aumento de custos não será repassado ao consumidor porque a economia está muito desaquecida e as pessoas não aceitarão preços mais altos. "Esse aumento de tarifas reduziu ainda mais a renda real dos trabalhadores", argumenta. "E não podemos esquecer que a sociedade se livrou da cultura

inflacionária, o que ficou demonstrado nos meses seguintes à liberação do dólar."

Essa certeza não tem o professor da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Mário Pochmann. "Não está descartado um novo repique da inflação no segundo semestre." Especialmente, completa o ex-diretor do BC, se o dólar voltar a subir. Para o economista e diretor de investimentos da administradora de recursos Nikko Brasil, João Luis Máscolo, vai haver uma queda-de-braço entre produtores e consumidores para ver quem fica com os efeitos do tarifaço. "Quando o governo definiu que a meta de

inflação poderia chegar a 10%, as autoridades previram a possibilidade de haver algum repasse para os preços", conclui.

INDEFINIÇÃO

O cenário obscuro da inflação confunde também o horizonte dos juros, que tem ainda outros fatores influenciando a decisão das autoridades. O destino do capital estrangeiro, por exemplo, é o principal deles. "Se os recursos continuarem entrando no país, as taxas podem baixar mais", diz o ex-diretor do BC. "Caso contrário, haverá pressão sobre o dólar e o BC poderá usar os juros para conter a alta da moeda norte-

americana." Além disso, o Fed, banco central dos Estados Unidos, decide o que fazer com as taxas de lá no próximo mês. "Pode haver nova alta, o que terá reflexos aqui."

Por tudo isso, os economistas não acreditam na redução no curto prazo das taxas pagas pelo consumidor no momento de financiar a compra ou quando usar o cheque especial. "Pode haver uma ligeira queda, mas a inadimplência ainda é alta", argumenta Gomes. "O consumidor de produtos bancários não tem poder de barganha. Por isso os juros devem baixar pouco na ponta", avalia Máscolo.

Liana Verdini
Da equipe do Correio

Emprego, produção e vendas em alta. Esses indicadores bem poderiam ser da economia norte-americana. Mas são da indústria brasileira de calçados. Desde a mudança na política cambial, em meados de janeiro, o comércio de sapatos nacionais destinados ao exterior vem crescendo. Pelos dados da Associação Brasileira das Indústrias de Calçados (Abicalçados), em maio o número de unidades vendidas cresceu 19% e o volume exportado aumentou US\$ 2 milhões em relação a igual período do ano passado.

"Os efeitos ainda são limitados, mas o estado de espírito dos empresários mudou muito depois da desvalorização do real", diz o vice-presidente da Abicalçados, Ricardo Wirth. "A expectativa é de melhorar as vendas no segundo semestre, de forma a encerrar o ano com 20% a mais de unidades exportadas." Em termos financeiros, a reação deve ser menos acentuada, com um crescimento de 13%. Voltar ao patamar de US\$ 1,5 bilhão de sapatos exportados, volume anual de vendas entre 1994 e 1997, é a meta para este ano. "Perdemos muito mercado durante o período em que o real ficou sobrevalorizado. Agora é hora de recuperar terreno", conta.

O bom desempenho do setor de calçados é apenas uma das consequências da liberação do preço do dólar na economia brasileira. Passados seis meses da mudança na política cambial, já é possível computar com mais clareza também os efeitos negativos da mudança: aumento da inflação, agravamento da recessão e piora nos indicadores de desemprego.

A balança comercial também temia em continuar deficitária, apesar da queda em dólar do preço dos produtos nacionais. O indicador mais imprevisível, no momento, é a inflação. As autoridades do Ministério da Fazenda permitiram reajustes nos preços da energia elétrica, dos telefones e dos combustíveis, por causa do aumento do dólar. Para o economista e ex-diretor de Dívida Pública do Banco Central (BC), Carlos Thadeu de Freitas Gomes, o impac-